

COMO A SOCIOLOGIA DIGITAL INFLUENCIA AS PRÁTICAS EDUCACIONAIS NA ERA DA INFORMAÇÃO?**HOW DOES DIGITAL SOCIOLOGY INFLUENCE EDUCATIONAL PRACTICES IN THE INFORMATION AGE?** <https://doi.org/10.63330/aurumpub.011-052>**Rodrigo Ourives da Silva**

Doutorando em Psicologia

Universidad de Ciencias Empresariales y Sociales (UCES), Ciudad Autónoma de Buenos Aires

ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-8808-9173>**RESUMO**

Este artigo revisa criticamente como a sociologia digital ilumina e orienta práticas educacionais na era da informação. A partir de literatura especializada, argumentamos que quatro vetores sociotécnicos - plataformação, dataficação, algoritmização e conectividade pervasiva - reconfiguram currículo, avaliação, trabalho docente, gestão e experiências estudantis. Mostramos que tais processos abrem oportunidades (personalização, feedback formativo, participação em rede) e instauram tensões (vigilância, vieses algorítmicos, dependência de plataformas, “tirania do mensurável”). Em diálogo com abordagens sociocríticas, evidenciamos a centralidade de contextos e capitais culturais/digitais na apropriação pedagógica das tecnologias, bem como a persistência de desigualdades de acesso, uso e benefício. Sínteses sobre b-learning, redes sociais e modelos transformativos/trans digitais indicam que efeitos formativos dependem do desenho didático, de governança de dados explicável e de intencionalidade pedagógica. Propomos, por fim, um quadro interpretativo que integra mecanismos (como plataformas modulam práticas), condições (infraestruturas e letramentos) e resultados (aprendizagem, trabalho docente, equidade), oferecendo princípios para políticas e decisões institucionais. Concluimos que incorporar lentes da sociologia digital - mais do que “adotar tecnologias” - é condição para ecossistemas de aprendizagem mais justos, transparentes e orientados ao bem-estar.

Palavras-chave: Sociologia digital; Educação; Plataformação; Dataficação; Algoritmos.**ABSTRACT**

This article offers a critical review of how digital sociology informs and guides educational practices in the information era. Drawing on specialized literature, we argue that four sociotechnical vectors - platformization, datafication, algorithmization, and pervasive connectivity - reshape curriculum, assessment, teachers' work, management, and students' experiences. These processes open opportunities (personalization, formative feedback, networked participation) while creating tensions (surveillance, algorithmic bias, platform dependency, the “tyranny of the measurable”). In conversation with sociocritical approaches, we highlight the centrality of context and cultural/digital capital in pedagogical appropriation, alongside persistent inequalities of access, use, and outcomes. Syntheses on blended learning, social media, and transformative/transdigital models indicate that educational effects hinge on instructional design, explainable data governance, and pedagogical intentionality. We propose an interpretive framework integrating mechanisms (how platforms modulate practices), conditions (infrastructure and literacies), and outcomes (learning, teachers' work, equity), thus offering principles for policy and institutional decision-making. We conclude that adopting digital sociology lenses - rather than merely “adding technology” - is a prerequisite for learning ecosystems that are fairer, more transparent, and oriented toward well-being.



Keywords: Digital sociology; Education; Platformization; Datafication; Algorithms.



1 INTRODUÇÃO

A difusão ubíqua de tecnologias digitais reconfigurou não apenas a infraestrutura informacional da sociedade, mas também os modos pelos quais concebemos ensinar e aprender. À luz da sociologia digital, compreendemos que tais tecnologias não são artefatos neutros: elas materializam escolhas, valores e relações de poder que atravessam o cotidiano escolar; do currículo às rotinas avaliativas, da gestão à experiência estudantil (NASCIMENTO, 2016; PEIXOTO; OLIVEIRA, 2021; KERRES, 2020; HEINSFELD; PISCHETOLA, 2017).

Na perspectiva deste artigo, situar a educação na era da informação implica deslocar o foco do “uso de TIC” para uma análise sociotécnica dos arranjos que emergem com a plataformização, a dataficação e a algoritmização do ensino. Essa virada crítica dialoga com leituras que denunciam o determinismo tecnológico e reivindicam explicações que articulem cultura, política e instituições (CRUZ JUNIOR, 2020; KERRES, 2020). Em paralelo, abordagens sociocríticas investigam como perfis e contextos socioculturais condicionam disposições para aprender com o digital, tensionando a distância entre práticas escolares e usos extraclasse das mídias (COLLIN; GUICHON; NTÉBUTSÉ, 2015; LUCENA, 2016). Por fim, o papel das plataformas no fluxo de conhecimento e no “qualificationism” recoloca questões sobre o que conta como saber legítimo e como tal saber circula em ecossistemas híbridos (SARVIANO, 2020).

No plano das práticas educacionais, a literatura documenta movimentos simultâneos de continuidade e mudança. O b-learning surge como alternativa consistente para o desenvolvimento docente e para a integração reflexiva de componentes presenciais e virtuais (VALVERDE-BERROCOSO; BALLADARES BURGOS, 2017); as redes sociais consolidam-se como artefatos pedagógicos que demandam políticas e didáticas específicas (FUENTES CANCELL; ESTRADA MOLINA; DELGADO YANES, 2021); e propostas transdigitais mapeiam reconfigurações de agentes, ambientes e processos de aprendizagem (PALACIOS-DÍAZ, 2020). Ao mesmo tempo, estudos históricos mostram como inovações computacionais - como o LOGO - foram frequentemente absorvidas por estruturas escolares preexistentes, relativizando expectativas de transformação automática (AGALIANOS, 1996).

Essas dinâmicas operam sob fortes assimetrias sociotécnicas. A pesquisa latino-americana sobre brecha digital evidencia que desigualdades de acesso, competências e benefícios modulam impactos educacionais, exigindo estratégias de desmercantilização do acesso e de fortalecimento de capacidades institucionais (KAZTMAN, 2010). Em paralelo, análises recentes descrevem mudanças socioculturais na escola - da busca por recursos à comunicação e à sociabilidade estudantil - que reforçam a necessidade de políticas curriculares e letramento virtual situados (RIZQI; BUDIMAN; REZA, 2023; SANTOS, 2021; MORAIS; PAIVA, 2014).

Diante desse quadro, este artigo realiza uma revisão crítica sobre como a sociologia digital informa e influencia as práticas educacionais na era da informação. Tomamos como eixos analíticos: (i)



plataformização do ensino e seus efeitos na mediação pedagógica; (ii) dataficação e governança de dados educacionais; (iii) algoritmização e seus vieses nas decisões e trajetórias de aprendizagem; e (iv) conectividade pervasiva e culturas digitais juvenis. Nosso objetivo é duplo: mapear consensos e controvérsias teórico-empíricas e propor um quadro interpretativo para orientar decisões de política, gestão e prática docente, evitando tanto a celebração acrítica quanto o ceticismo paralisante (NASCIMENTO, 2016; KERRES, 2020; CRUZ JUNIOR, 2020; HEINSFELD; PISCHETOLA, 2017).

Metodologicamente, conduzimos uma revisão narrativa com base em artigos, relatórios e trabalhos acadêmicos selecionados do campo, privilegiando contribuições que dialogam explicitamente com a perspectiva sociológica do virtual e com implicações educacionais. O manuscrito segue a organização e requisitos formais definidos no template de submissão fornecido, ao qual o leitor pode recorrer para detalhes de formatação.

2 METODOLOGIA

Adotamos uma revisão narrativa de orientação sociológica, adequada para integrar literatura conceitual, empírica e crítica e, assim, preservar os contextos históricos e institucionais que moldam os usos educacionais do virtual. Essa decisão metodológica alinha-se à própria auto reflexividade da sociologia digital, que exige considerar simultaneamente o virtual como objeto de análise e como meio de produção de conhecimento, evitando leituras tecno deterministas e sustentando um exame das implicações epistemológicas dos dados e das plataformas no campo educacional (NASCIMENTO, 2016; KERRES, 2020; CRUZ JUNIOR, 2020).

O corpus foi delimitado pelos documentos acadêmicos previamente selecionados (artigos, dissertação, anais e relatório técnico), com ênfase em Brasil, América Latina e Europa, e cobertura temporal predominante entre 2010 e 2023. Os textos contemplam perspectivas críticas, socioculturais e pedagógicas sobre cultura/sociedade virtual, plataformas, formação docente em regime b-learning, redes sociais e inclusão/brecha digital. A leitura partiu de questões orientadoras: (i) que mecanismos sociotécnicos - plataformização, dataficação, algoritmização e conectividade pervasiva - reconfiguram a prática educacional; (ii) como se expressam assimetrias e desigualdades nesses processos; e (iii) que implicações curriculares, avaliativas e de trabalho docente emergem. A seleção priorizou produção avaliada por pares ou institucionalmente reconhecida, com fundamentação sociológica explícita e relação direta com a educação na era digital; foram excluídos textos estritamente instrumentais sem problematização sociológica (KAZTMAN, 2010; LUCENA, 2016; HEINSFELD; PISCHETOLA, 2017; VALVERDE-BERROCOSO; BALLADARES BURGOS, 2017; BORTOLAZZO, 2020; FUENTES CANCEL; ESTRADA MOLINA; DELGADO YANES, 2021).

Procedimentalmente, organizamos os itens em uma matriz bibliográfica e derivamos categorias iniciais de leituras fundantes da sociologia do digital (atualização teórico-metodológica e centralidade dos dados), de críticas ao determinismo tecnológico e de uma abordagem sociocrítica dos usos educacionais do virtual. Em seguida, realizamos codificação temática iterativa, agregando achados nos eixos: (1) plataformização do ensino; (2) dataficação e governança; (3) algoritmização e vieses; (4) conectividade pervasiva e culturas juvenis; (5) desigualdades e brechas; (6) arranjos pedagógicos (b-learning, redes sociais, modelos transformativos). A síntese seguiu estratégia narrativo-analítica, relacionando evidências empíricas e argumentos teóricos para explicitar mecanismos (como plataformas modulam currículo e avaliação), condições (capitais culturais/digitais) e resultados (efeitos em aprendizagem, trabalho docente e gestão), incorporando, quando pertinente, leituras histórico-sociológicas que relativizam expectativas de mudança automática por inovação computacional (AGALIANOS, 1996; COLLIN; GUICHON; NTÉBUTSÉ, 2015).

Para garantir robustez interpretativa, triangulamos tipos de evidência: revisões sistemáticas sobre redes sociais e institucionalização pedagógica; estudos sobre b-learning na formação docente; propostas trans digitais e modelos transformativos orientados a inclusão e mudança social. A avaliação crítica considerou coerência teórica, adequação metodológica e relevância sociológica, bem como a transparência de pressupostos sobre competências para o “futuro” - frequentemente portadores de futuros implícitos que precisam ser desvelados para orientar decisões educacionais contextualizadas (FUENTES CANCEL; ESTRADA MOLINA; DELGADO YANES, 2021; VALVERDE-BERROCOSO; BALLADARES BURGOS, 2017; PALACIOS-DÍAZ, 2020; ŽOGLA; PRUDNIKOVA; MYKHAILENKO, 2019; KERRES, 2020).

Reconhecemos limitações inerentes: heterogeneidade de delineamentos e métricas; concentração temporal no período 2010/2021 com poucas peças muito recentes; e recorte geográfico-temático condicionado ao conjunto enviado, com predominância ibero-latino-brasileira e europeia. Como não houve envolvimento de sujeitos humanos, não se aplicam riscos adicionais; todo o exame incidiu sobre fontes publicadas e de acesso público. A conformidade formal do manuscrito seguirá o arquivo-modelo fornecido e será ajustada ao final conforme o template de submissão.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Seguindo a orientação sociocrítica que inspira este estudo, os resultados da revisão mostram que pensar a influência da sociologia digital nas práticas educacionais exige deslocar o foco do “impacto” técnico para as mediações sociais, culturais e políticas que moldam usos e significados do virtual em contextos educativos. Em termos gerais, as evidências analisadas convergem para quatro eixos interpretativos: i) a “condição digital” como novo horizonte de socialização e aprendizagem; ii) as



reconfigurações pedagógicas, institucionais e profissionais demandadas por essa condição; iii) as desigualdades (velhas e novas) que estruturam os acessos, competências e usos; e iv) o imperativo de uma postura crítica - e não determinista - diante das tecnologias. Esses eixos, articulados, permitem compreender as práticas educacionais não como simples receptáculos de artefatos técnicos, mas como arenas de disputa simbólica e material em que se (re)produzem culturas, identidades e poderes.

Os textos de referência da sociologia do digital e da educação, lidos em conjunto, oferecem um marco sólido para essa leitura. A proposta de uma “abordagem sociocrítica” do virtual em educação, por exemplo, sustenta que o sentido dos usos escolares só pode ser entendido em relação ao perfil e ao contexto sociocultural dos estudantes, incluindo seus repertórios extraescolares e seus “relacionamentos” prévios com o tecnológico. Em vez de perguntar se a tecnologia funciona, a questão passa a ser: para quem, em que condições e com quais efeitos formativos, simbólicos e políticos ela é proposta e apropriada (COLLIN; GUICHON; NTÉBUTSÉ, 2015). Nessa linha, a revisão de Nascimento sobre “sociologia digital” enfatiza que a massificação de dados e plataformas não apenas altera objetos empíricos, mas convoca uma atualização teórico-metodológica da própria imaginação sociológica - sob pena de a área perder capacidade explicativa diante dos fenômenos que pretende interpretar (NASCIMENTO, 2016). Em termos educacionais, isso implica requalificar a pesquisa e a prática docente para lidar com sociabilidades em rede, rastros digitais e novos regimes de visibilidade, autoria e mediação.

No plano das reconfigurações pedagógicas, despontam dois movimentos complementares. De um lado, os estudos sobre cultura digital e escola sugerem que práticas de ensino ainda ancoradas em metáforas “mecanicistas” (transmissivas, centradas no indivíduo isolado) entram em tensão com ecologias de aprendizagem em rede, colaborativas e contextuais. Morais e Paiva, por exemplo, propõem substituir a metáfora da “máquina” pela da “rede”, recolocando a escola como mediadora entre os desafios da sociedade do conhecimento e as novas gerações - com ênfase em letramentos digitais e científicos integrados (MORAIS; PAIVA, 2014). De outro lado, pesquisas empíricas brasileiras e latino-americanas indicam que jovens imersos em culturas digitais e mobilidades tecnológicas redefinem expectativas sobre ensinar e aprender: recusam rotinas convencionais e demandam experiências de produção, publicação e interação - algo que atravessa tanto estágios de docência quanto o cotidiano do ensino fundamental (LUCENA, 2016). Esse deslocamento também aparece em abordagens específicas de modalidade, como o b-learning, lido aqui por um prisma sociológico: em vez de “treinar para a ferramenta”, trata-se de desenvolver competências digitais como prática social, em interações síncronas e assíncronas que empoderem a comunicação e a construção de conhecimento (VALVERDE-BERROCOSO; BALLADARES BURGOS, 2017).

A literatura mais programática sobre tecnologia educacional corrobora que o digital não é apenas “meio”, mas torna-se também infraestrutura de gestão e de entrega, o que reconfigura papéis e arranjos

Panorama da Educação: Estudos Interdisciplinares

COMO A SOCIOLOGIA DIGITAL INFLUENCIA AS PRÁTICAS EDUCACIONAIS NA ERA DA INFORMAÇÃO?



institucionais. Isso inclui mudanças de currículos, espaços e avaliação, e reposiciona docentes como designers de experiências e mediadores de ecossistemas de recursos (AL MUSAWI, 2011; EDUCAUSE, 2018). Modelos transformativos de aprendizagem digital, com atenção às dimensões socio-contextuais, pedem objetivos formativos significativos, reflexividade, autoavaliação e colaboração, articulando inclusão social e partilha de saberes (ŽOGLA; PRUDNIKOVA; MYKHAILENKO, 2019). Em horizonte mais amplo, propostas como a “visão transdigital” sugerem que, à medida que se adensam as interações entre humano e máquina, emergem novas competências para a autonomia estudantil, o trabalho em rede e a construção de ambientes pessoais de aprendizagem (PALACIOS-DÍAZ, 2020).

Ao mesmo tempo, a sociologia digital alerta para os riscos de determinismo tecnológico. Diversos autores criticam a expectativa de “revoluções” pedagógicas automáticas e apontam a necessidade de desfazer vícios interpretativos que naturalizam promessas de inovação. Kerres demonstra que décadas de pesquisas comparativas exibem efeitos modestos dos “meios” sobre aprendizagens quando isolados de desenho didático e condições de uso; o problema, argumenta, é duplo: pesquisas que atribuem “efeitos” à técnica (em vez de aos arranjos pedagógicos) e políticas que escondem seus próprios futuros implícitos em listas de competências (KERRES, 2020). No mesmo espírito crítico, Cruz Junior (a partir de Selwyn) propõe “politizar o digital”, interrogando discursos que prometem ganhos inevitáveis e recolocando a análise em torno de apropriações escolares, governança de plataformas e assimetrias de poder (CRUZ JUNIOR, 2020). Essa atitude crítica não é tecnofóbica: é condição para desenhar políticas e práticas factíveis, sensíveis ao contexto e abertas à contestação.

No eixo das desigualdades, a revisão mostra que a “brecha digital” é multidimensional (acesso, equipamentos, conectividade, usos, intensidades e capitais culturais), varia por estratos socioeconômicos e contextos nacionais, e é profundamente sensível aos dispositivos institucionais. Ao analisar América Latina, Kaztman demonstra que, se deixada ao mercado, a difusão das TIC tende a ampliar desigualdades; por isso, a escola aparece como instituição decisiva para dissociar origens sociais de resultados nas competências digitais e para universalizar direitos de participação (KAZTMAN, 2010). Esse diagnóstico dialoga com estudos sobre alfabetização tecnológica enquanto processo de vida, que exige atualização docente, currículo e políticas articuladas - e que, em nossa região, ainda não se traduziram, por si, em melhora de qualidade educacional (GUILLÉN-RASCÓN; ASCENCIO-BACA; TARANGO, 2016). No Brasil, análises recentes apontam que “mídias digitais” atravessam o cotidiano escolar e o trabalho docente, mas consolidar inclusão passa por formação continuada e por ambientes colaborativos - sob pena de reproduzir, no digital, hierarquias já conhecidas (PEIXOTO; OLIVEIRA, 2021).

A revisão também destaca que redes sociais e plataformas tornaram-se espaços pedagógicos relevantes, ainda que heterogêneos e controversos. Uma síntese sistemática de estudos indexados na Scopus (2015–2020) indica a centralidade do Facebook e, mais amplamente, a emergência de tendências como



comunicação institucional em múltiplos níveis do currículo, inovação didática, convergência cultural e construção de identidades digitais acadêmicas - ao lado de variáveis recorrentes como colaboração, motivação, desempenho, empoderamento e e/b-learning (FUENTES CANCELL; ESTRADA MOLINA; DELGADO YANES, 2021). Esses achados dialogam com leituras de Estudos Culturais no Brasil, que mostram o “distanciamento cultural” percebido por professores entre sua própria cultura escolar e as culturas digitais dos estudantes, ao mesmo tempo em que advogam por entender tecnologia como cultura - isto é, como prática de significação e de poder, e não apenas como ferramenta (HEINSFELD; PISCHETOLA, 2017).

Por fim, a literatura que aproxima sociologia digital e ensino de Sociologia evidencia um ponto decisivo para as práticas educacionais: o “aparelhamento digital” (a mediação ubíqua por dispositivos e redes) reorganiza sociabilidades, subjetividades e experiências de aprendizagem na escola, deslocando o lugar da docência e exigindo análise de discursos e valores que circulam na cultura tecnológica. Pesquisas empíricas em escolas públicas brasileiras, ancoradas em Bauman, Bourdieu e Lévy, mostram implicações desse aparelhamento para a formação humana, sugerindo que sua potência libertadora depende de intencionalidade pedagógica e consciência crítica (SANTOS, 2021). Conectando essas leituras, a “condição digital” contemporânea - marcada por mobilidade, ubiquidade e estilos “expressos” de educação - reforça que educação é um processo de formação que orienta condutas e participa da disputa por significados na cultura (BORTOLAZZO, 2020).

Em síntese, os resultados e a discussão desta revisão indicam que a sociologia digital influencia as práticas educacionais sobretudo ao: (a) redefinir o objeto e o método da própria investigação educacional, incorporando dados, redes e plataformas como componentes estruturais do social; (b) provocar mudanças nos modos de ensinar e aprender que valorizam redes, autoria, colaboração e letramentos múltiplos; (c) recolocar a escola como instância pública central para reduzir desigualdades digitais e garantir participação cidadã; e (d) exigir um enquadramento crítico, atento a contextos, mediações e poderes, para evitar tanto o tecnoutopismo quanto o ceticismo improdutivo. O saldo não é “mais tecnologia por si”, mas “mais sociologia” para compreender e orientar, com rigor e responsabilidade, o lugar do digital na educação.



REFERÊNCIAS

AGALIANOS, Angelos S. Towards a Sociology of Educational Computing. In: **Annual Meeting of the American Educational Research Association (AERA)**, 1996, New York. [Anais...]. [S.l.: s.n.], 1996. 32 p. DOI: **não informado**. Disponível em: <https://scispace.com/pdf/towards-a-sociology-of-educational-computing-4jnvxn1on.pdf>. Acesso em: **10 set. 2025**.

AL MUSAWI, Ali Sharaf. Redefining technology role in education. **Creative Education**, v. 2, n. 2, p. 130–135, 2011. DOI: 10.4236/ce.2011.22018. Disponível em: <https://scispace.com/pdf/redefining-technology-role-in-education-1nhjgs2g6c.pdf>. Acesso em: **07 set. 2025**.

BORTOLAZZO, Sandro Faccin. Das conexões entre cultura digital e educação: pensando a condição digital na sociedade contemporânea. **ETD – Educação Temática Digital**, v. 22, n. 2, p. 369–388, abr./jun. 2020. DOI: 10.20396/etd.v22i2.8654547. Disponível em: <https://scispace.com/pdf/das-conexoes-entre-cultura-digital-e-educacao-pensando-a-4ke5reaxoa.pdf>. Acesso em: **04 set. 2025**.

COLLIN, Simon; GUICHON, Nicolas; NTÉBUTSÉ, Jean Gabin. Une approche sociocritique des usages numériques en éducation. **Sticef**, v. 22, p. 89–117, 2015. DOI: **não informado**. Disponível em: <https://scispace.com/pdf/une-approche-sociocritique-des-usages-numeriques-en-2yw1somv30.pdf>. Acesso em: **22 ago. 2025**.

CRUZ JUNIOR, Gilson. Politizando o digital: contribuições para a crítica das relações entre educação e tecnologias. **Revista e-Curriculum**, v. 18, n. 3, p. 1509–1530, jul./set. 2020. DOI: 10.23925/1809-3876.2020v18i3p1509-1530. Disponível em: <https://scispace.com/pdf/politizando-o-digital-contribuicoes-para-a-critica-das-5602km5m3w.pdf>. Acesso em: **17 ago. 2025**.

EDUCAUSE (org.). **NMC Horizon Report Preview: 2018 Higher Education Edition**. 2018. DOI: **não informado**. Disponível em: <https://scispace.com/pdf/educational-trends-in-the-conditions-of-digital-society-14pvbtt2.pdf>. Acesso em: **15 set. 2025**.

FUENTES CANCELL, Dieter Reynaldo; ESTRADA MOLINA, Odiel; DELGADO YANES, Nilda. Las redes sociales digitales: una valoración socioeducativa. Revisión sistemática. **Revista Fuentes**, v. 23, n. 1, p. 41–52, 2021. DOI: 10.12795/revistafuentes.2021.v23.i1.11947. Disponível em: <https://scispace.com/pdf/las-redes-sociales-digitales-una-valoracion-socioeducativa-367v66llfl.pdf>. Acesso em: **05 set. 2025**.

GUILLÉN-RASCÓN, Gladys; ASCENCIO-BACA, Gerardo; TARANGO, Javier. Alfabetización digital: una perspectiva sociológica. **e-Ciencias de la Información**, v. 6, n. 2, 2016. DOI: 10.15517/eci.v6i2.23938. Disponível em: <https://scispace.com/pdf/alfabetizacion-digital-una-perspectiva-sociologica-4nx7dh75t0.pdf>. Acesso em: **18 set. 2025**.

HEINSFELD, Bruna Damiana; PISCHETOLA, Magda. Cultura digital e educação, uma leitura dos Estudos Culturais sobre os desafios da contemporaneidade. **RIAAE – Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 12, n. esp. 2, p. 1349–1371, ago. 2017. DOI: 10.21723/riaee.v12.n.esp.2.10301. Disponível em: <https://scispace.com/pdf/cultura-digital-e-educacao-uma-leitura-dos-estudos-culturais-3xg2podgzn.pdf>. Acesso em: **08 set. 2025**.

KAZTMAN, Rubén. **Impacto social de la incorporación de las nuevas tecnologías de información y comunicación en el sistema educativo**. Santiago do Chile: CEPAL, Serie Políticas Sociales, n. 166, 2010.



ISBN 978-92-1-323447-1. DOI: **não informado**. Disponível em: <https://scispace.com/pdf/impacto-social-de-la-incorporacion-de-las-nuevas-tecnologias-1vmyyn5js5.pdf>. Acesso em: **12 set. 2025**.

KERRES, Michael. Bildung in der digitalen Welt: Über Wirkungsannahmen und die soziale Konstruktion des Digitalen. **Zeitschrift MedienPädagogik (Jahrbuch Medienpädagogik 17)**, p. 1–32, 2020. DOI: 10.21240/mpaed/jb17/2020.04.24.X. Disponível em: <https://scispace.com/pdf/bildung-in-der-digitalen-welt-uber-wirkungsannahmen-und-die-41sefwpruq.pdf>. Acesso em: **11 ago. 2025**.

LUCENA, Simone. Culturas digitais e tecnologias móveis na educação. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 59, p. 277–290, jan./mar. 2016. DOI: 10.1590/0104-4060.43689. Disponível em: <https://scispace.com/pdf/culturas-digitais-e-tecnologias-moveis-na-educacao-1ttz5ims65.pdf>. Acesso em: **27 ago. 2025**.

MORAIS, Carla; PAIVA, João. Olhares e reflexões contemporâneas sobre o triângulo sociedade-educação-tecnologias e suas influências no ensino das ciências. **Educação e Pesquisa**, v. 40, n. 4, p. 953–964, 2014. DOI: 10.1590/S1517-97022014121411. Disponível em: <https://scispace.com/pdf/olhares-e-reflexoes-contemporaneas-sobre-o-triangulo-sh6k86x43k.pdf>. Acesso em: **14 set. 2025**.

NASCIMENTO, Leonardo Fernandes. A sociologia digital: um desafio para o século XXI. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 18, n. 41, p. 216–241, jan./abr. 2016. DOI: 10.1590/15174522-018004111. Disponível em: <https://scispace.com/pdf/a-sociologia-digital-um-desafio-para-o-seculo-xxi-q7bufplo8.pdf>. Acesso em: **05 ago. 2025**.

PALACIOS-DÍAZ, Rosalba. El aprendizaje digital desde la visión transdigital. **Transdigital**, v. 1, n. 1, 2020. DOI: 10.56162/transdigital12. Disponível em: <https://scispace.com/pdf/el-aprendizaje-digital-desde-la-vision-transdigital-acebm4ku5w.pdf>. Acesso em: **09 set. 2025**.

PEIXOTO, Reginaldo; OLIVEIRA, Eloisa Elena de Moura Santos. As mídias digitais no contexto da sociedade contemporânea: influências na educação escolar. **Redoc**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 80–[s.n.], jan./abr. 2021. DOI: 10.12957/redoc.2021.53905. Disponível em: <https://scispace.com/pdf/as-midias-digitais-no-contexto-da-sociedade-contemporanea-33hsxvbwj.pdf>. Acesso em: **06 set. 2025**.

SANTOS, Kátia Maria de Oliveira. **Interface digital: a sociologia das tecnologias digitais de informação e comunicação na escola**. 2021. 143 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Sociologia) — Universidade Federal de Campina Grande. DOI: **não informado**. Disponível em: <https://scispace.com/pdf/interface-digital-a-sociologia-das-tecnologias-digitais-de-5d3hlc1a36.pdf>. Acesso em: **03 set. 2025**.

SARVIANO, Dwiki Faiz. The role of digital platforms in the transfer of knowledge and qualificationism: A study of digital sociology. **Simulacra**, v. 3, n. 1, p. 69–80, 2020. DOI: 10.21107/sml.v3i1.7125. Disponível em: <https://scispace.com/pdf/the-role-of-digital-platforms-in-the-transfer-of-knowledge-16zdt5dqyp.pdf>. Acesso em: **31 ago. 2025**.

VALVERDE-BERROCOSO, Jesús; BALLADARES BURGOS, Jorge. Enfoque sociológico del uso del b-learning en la educación digital del docente universitario. **Sophia: colección de Filosofía de la Educación**, v. 23, n. 2, p. 123–140, 2017. DOI: 10.17163/soph.n23.2017.04. Disponível em: <https://scispace.com/pdf/enfoque-sociologico-del-uso-del-b-learning-en-la-educacion-5g5u6phgh3.pdf>. Acesso em: **02 set. 2025**.

ŽOGLA, Irëna; PRUDNIKOVA, Ilga; MYKHAILENKO, Olena. Pedagogical assumptions of transformative digital model for social change. **Society. Integration. Education – Proceedings of the**



International Scientific Conference, v. 1, p. 645–656, 2019. DOI: 10.17770/sie2019vol1.3881. Disponível em: <https://scispace.com/pdf/pedagogical-assumptions-of-transformative-digital-model-for-qt7h1tlwdj.pdf>. Acesso em: **16 set. 2025**.